

Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos - PEJ

Responsável: Prof. Vicente Dobroruka

www.pej-unb.org

Universidade de Brasília

IHD - Dpto. de História

Brasília -DF-

70910-900

**"PAGÃ, CRISTÃ OU JUDIA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A
INSPIRAÇÃO DIVINATÓRIA NOS
ORÁCULOS SIBILINOS"**

**UFRGS - IX SIMPÓSIO DE HISTÓRIA ANTIGA / III SIMPÓSIO INTERNACIONAL
DE HISTÓRIA ANTIGA DO CONE SUL, 2-6 DE SETEMBRO 2002**

"UM OLHAR DISTANTE"

Maria Caroline Veloso

História / 8º período

Prof. Vicente Dobroruka



Resumo / abstract

Os Oráculos sibilinos fizeram parte do imaginário do Oriente Próximo como uma tradição seguida pelas mais diferentes culturas. Pagãos, cristãos e judeus respeitavam a sibila como uma poderosa fonte divinatória que lhes anunciaria o futuro. O texto a seguir trata do processo de inspiração da deusa e das influências dadas e recebidas por esses oráculos no ambiente judaico-helenístico.



Pagã, cristã ou judia: considerações sobre a inspiração divinatória nos *Oráculos sibilinos*

Este texto se propõe a tratar das considerações acerca da inspiração divinatória da Sibila, a profetiza de oráculos importantes para diversas culturas no Oriente Próximo antigo. Primeiramente, torna-se necessária uma pequena explicação sobre os *Oráculos sibilinos* e sua "deusa".

O canto da Sibila

Existem duas coleções desses oráculos que sobreviveram desde a Antigüidade tardia. Uma apresenta os textos sibilinos enumerados de 1 a 8 e a outra de 11 a 14 - nem sempre seguindo uma ordem cronológica -, tendo provavelmente sido escritos entre os sécs. II a.C. e VII d.C. Aqui se discutirá a primeira coleção, por questões de espaço, mas a discussão da segunda poderá ser feita na exposição oral.

Ao longo de diferentes épocas, regiões e costumes, grande parte das passagens dos *Oráculos sibilinos* tiveram como prováveis origens culturais o mundo pagão, o judaico ou, ainda, o cristão. Assim, a força da Sibila manteve-se inalterada por séculos no Oriente, seja sobre os devotos de um Deus único ou adoradores de um panteão de divindades.

Sempre idealizada como uma velha mulher que profetiza em estado de êxtase, a Sibila é retratada com várias identidades. Citada desde Ovídio e Heráclito, a profetiza pode ser reconhecida como filha de Noé - na tradição



judaica - ou como a "deusa Sibila" na antiga Eritrêia, entre outras referências¹.

O interesse deste *paper* é se concentrar nas passagens que tratam das visões da Sibila, visto que a inspiração divinatória se fez essencial na tradição literária ou oral da Antigüidade. Para um bom aproveitamento dessas passagens, a metodologia do texto primará o seguinte formato: descrever a visão, analisar sua procedência e, ainda, relacioná-la com a literatura secundária acerca das técnicas de inspiração.

A inspiração da Sibila

A introdução do livro 2, intitulada por seu editor moderno - John J. Collins - "A inspiração da Sibila", é uma pista de como a profetiza se comporta ao receber uma mensagem divina. O primeiro verso - 2:1 -, "Quando Deus deveras suspendeu meu mais perfeito e sábio canto...", é a indicação do estado de êxtase.

Pode-se afirmar que a Sibila, ao receber a inspiração está normalmente despertando ou já acordada e a mensagem também é, em geral, verbal. Nessa passagem ela interrompe um belo canto para orar, visto que recebeu estonteantes palavras no seu peito. Ainda se diz em êxtase e as palavras que irá proferir não são dela, mas de Deus.

Essa inspiração a prepara para profetizar sobre os desastres da décima geração, referindo-se aí a uma tradição judaica de se contar a história através das gerações. Contudo, a introdução do livro 2 é o ponto de transição entre este último e o livro 1. Os estudiosos vêem ambos

¹ John J. Collins. "Sibylline Oracles" in: James Charlesworth (ed.). *The Old Testament Pseudepigrapha*. 2 volumes. New York: Doubleday, 1983. Vol.1, p.317.



como uma unidade, que se manifesta por um trabalho originalmente judaico, mas com uma extensa redação cristã posterior².

A primeira passagem que trata de seu poder divinatório na atual compilação dos *Sibilinos* - apesar dela ter uma datação provavelmente bem mais recente que a de outros manuscritos -, demonstra o estilo geral desses oráculos. Segundo David Aune, a Sibila profere oráculos inspirados, normalmente se caracterizando por respostas a questões lançadas em algum culto oficial. Essa adivinhação natural pode se relacionar tanto a fenômenos gregos quanto ao judaísmo e ao cristianismo primitivo³.

A segunda passagem onde a visão se manifesta nos oráculos encontra-se ainda no livro 2. Intitulada em sua atual editoração "Confissão da Sibila" - 339-347 -, é o fechamento desse manuscrito e pode ser interpretada pelo fato de que, em pecado, a profetiza devesse optar pela abstinência sexual para poder ouvir as palavras da divindade.

Desde o verso 37 até a conclusão, o oráculo trata de "crise escatológica" e de "juízo final" e tanto esses tópicos quanto a abstinência sexual são temas corriqueiros entre a tradição judaico-cristã, como a literatura apocalíptica que prezam as profecias como artifício de revelação ao povo⁴.

Após essas duas passagens que fazem parte de um mesmo contexto, pode-se conferir como a próxima inspiração da Sibila a introdução do livro 3. A parte dos *Sibilinos* que mais atrai a atenção dos estudiosos, o referido livro trata - caso pertença de fato ao contexto judaico -, da

² Id. *ibid.*

³ David Aune. *Prophecy in Early Christianity and the Ancient Mediterranean World*. Grand Rapids: Eerdmans, 1983. Pp.26-27.

⁴ Collins, *op.cit.* pp.332-334.



comunidade judaica e de sua procura por um Messias salvador⁵.

Apesar de nenhum estudo contrariar a evidência de que o Orsib 3 foi escrito no Egito e não antes da época ptolomaica, os primeiros 96 versos são freqüentemente vistos como dissociados do restante do livro. Deve-se considerar que esse conteúdo fizesse parte de outro manuscrito da coleção e as indicações sobre Nero e Cleópatra são muito fortes, dando sinais do contato com o mundo pagão⁶.

Eis a passagem introdutória:

A introdução da Sibila⁷

Abençoado, celestial, que troveja nas alturas, que tem o querubim entronizado, eu vos suplico a dar um pequeno descanso a mim que tenho profetizado inabalável verdade, para o meu coração que está cansado por dentro. Mas por que meu coração se abala novamente? E por que é o meu espírito açoitado por um chicote, forçado por dentro a proclamar um oráculo para todos? Mas eu pronunciarei tudo mais uma vez, tanto quanto Deus me oferece dizer aos homens. (OrSib 3:1-7)

A Sibila tem o coração abalado, está cansada, mas dispõe-se a continuar profetizando as palavras oferecidas por Deus. Pode-se relacionar esse comportamento com o de profetas judaicos que sofrem com o dom divino, mas que ainda assim continuam a viver para alertar o seu povo, como Jeremias.

John J. Collins - especialista nos Oráculos sibilinos e especialmente no livro 3 - atesta que a referida visão compõe uma concepção de Deus que não se encontra em nenhum outro contexto da tradição sibilina, mas que encontra

⁵ Idem, p.356.

⁶ Idem, pp.359-360.

⁷ Título dado por Collins.



paralelo com fragmentos de Fílon e os oráculos órficos⁸, o que alerta para uma gama de fontes e influências sobre as profecias da Sibila.

Finalmente, a última passagem aqui analisada pertence ao OrSib 5. Esse texto tem íntima ligação com o livro 3, e também não se discute sua procedência como outra senão do Egito. Pelas várias referências à lenda de Nero, não deve datar de antes de 70 d.C., e o texto se mostra como uma importante testemunha do judaísmo egípcio no período das revoltas macabaicas⁹.

Intitulado "Profecias de destruição contra o Egito" em sua editoração moderna, no verso 53 a Sibila invoca sua suposta amiga Ísis, demonstrando a intimidade da temática do texto com Cleópatra e sua religiosidade. O trecho entre os versos 52-58, então, é mais uma passagem que indica que a sábia foi inspirada por Deus para proferir oráculos, sendo este último a respeito de uma inundação do Rio Nilo.

Cansada e com o coração aflito pelo desastre a profetizar, a Sibila demonstra novamente sua técnica de inspiração: desperta, ela sente as palavras divinas em resposta às aflições humanas. Para H.W. Parke, o êxtase profético dos sibilinos pode ter se originado na Ásia Menor¹⁰, mas a difusão dos manuscritos por diversos períodos e regiões pode ter dado margem à influências de todas as origens.

O oráculo como elemento propiciador de trocas culturais na Antiguidade

⁸ John J. Collins, *Between Athens and Jerusalem*. New York: Crossroad, 1983. P.167.

⁹ Idem, pp.390-391.

¹⁰ H.W. Parke. *Sibyls and Sibylline Prophecy in Classical Antiquity*. London: Routledge, 1988. Pp.53-54.



A Sibila mostra-se, em que pesem todas as dificuldades na análise dos manuscritos que chegaram à atualidade, como a velha sábia que sofre por seu dom, mas que está sempre disposta a ouvir e proferir as palavras de Deus aos homens. Mesmo mais "humana" que muitas divindades, é ela também interpretada como uma "deusa profetisa", vista por várias culturas como uma mulher que não apenas é influenciada por cristãos ou judeus, mas que tem uma força poderosa que responde às aflições de povos politeístas ou não.

A presença da literatura sibilina por uma considerável circulação do Oriente Próximo helenístico, deve-se, talvez, a esse misto de contato com as técnicas de visões dos profetas judeus, com a literatura histórica grega, ou ainda com o sentido propagandístico e político dos oráculos contra os impérios que traziam o sofrimento para povos tido como "escolhidos". Os *Oráculos sibilinos* são um dos principais fatores de contato entre todos esses universos culturais.